



IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

2011

34

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Vocação para Exportar

Uma avaliação retrospectiva dos padrões de comércio exterior do estado do Espírito Santo, 1996-2010

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

**TEXTO PARA
DISCUSSÃO** | **34**

VOCAÇÃO PARA EXPORTAR

Uma avaliação retrospectiva dos padrões de comércio exterior do estado do Espírito Santo, 1996-2010

Matheus Albergaria de Magalhães
Coordenação de Estudos Econômicos – CEE
Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN

Victor Nunes Toscano
Coordenação de Estudos Econômicos – CEE
Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN

Instituto Jones dos Santos Neves

Vocação para exportar: uma avaliação retrospectiva dos padrões de comércio exterior do estado do Espírito Santo (1996-2010).

Vitória, ES, 2011.

26f. il. tab. (Texto para discussão, 34)

ISBN: 978-85-62509-82-7

1.Comércio Exterior. 2.Exportação. 3.Economia. 4.Espírito Santo (Estado).

I.Magalhães, Matheus Albergaria de. II.Toscano, Victor Nunes.

III.Título. IV.Série.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Jones dos Santos Neves ou da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento do Governo do Estado do Espírito Santo.

Sumário

APRESENTAÇÃO	04
1. INTRODUÇÃO	05
2. BASE DE DADOS	06
3. CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	07
4. COMÉRCIO EXTERIOR DO ESPÍRITO SANTO	12
4.1. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES	12
4.2. DESTINOS	16
4.3. COMPOSIÇÃO	17
5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES DE PESQUISA FUTURA	21
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

Apresentação

Atualmente, o Espírito Santo apresenta-se como a economia estadual mais aberta ao comércio exterior do país, com um coeficiente de abertura em torno de 50%. Ao mesmo tempo, esse estado possui uma pauta de exportações concentrada em um número relativamente pequeno de produtos básicos e intermediários, com cinco produtos respondendo por uma parcela superior a 80% dos valores exportados. Devido a esses fatores, a economia local, além de ser extremamente dependente do setor externo, apresenta flutuações de curto prazo nitidamente mais voláteis do que aquelas experimentadas pela economia nacional. O objetivo do presente trabalho equivale a apresentar uma caracterização do comércio exterior do Espírito Santo ao longo do período 1996-2010. Os resultados obtidos demonstram que o estado possui especificidades próprias, que fazem com que a economia local sinta de forma mais intensa os impactos de choques macroeconômicos ocorridos no cenário externo. Adicionalmente, são discutidas as fragilidades do modelo de desenvolvimento vigente no estado, bem como algumas potencialidades de longo prazo.

(*) Vale a ressalva de que as opiniões aqui contidas não refletem a visão do IJSN ou de algum de seus membros. Também vale a ressalva de que os erros e idiosincrasias remanescentes devem-se única e exclusivamente aos autores.

1. INTRODUÇÃO

Com o benefício de uma visão retrospectiva, pode-se afirmar que a crise financeira iniciada nos Estados Unidos no final do ano de 2007 exerceu significativos impactos ao redor do mundo, embora a intensidade desses impactos tenha variado de acordo com o país ou região considerados. Em particular, no caso brasileiro, notou-se que o país apresentou um desempenho relativamente bom quando comparado a países desenvolvidos, como Estados Unidos e Japão, por exemplo.¹

Entretanto, um olhar mais atento sobre os estados brasileiros pode vir a sugerir um diagnóstico distinto. Os impactos da crise de 2007-2008 foram nitidamente diferenciados de acordo com a Unidade da Federação (UF) considerada. Resultados relacionados a índices de suscetibilidade dos efeitos da crise sobre as UFs demonstram que ocorreram significativas diferenças entre regiões brasileiras no que diz respeito aos impactos supracitados (Blumenschein 2009).

Em particular, seria de se esperar à primeira vista que economias estaduais mais voltadas para o comércio exterior tenderiam a ser mais afetadas pela crise, ao mesmo tempo em que um padrão inverso ocorreria no caso de economias mais fechadas. Nesse contexto, um estado como o Espírito Santo, com alto grau de abertura ao comércio exterior (cerca de 50%) poderia vir a sofrer de forma mais intensa os efeitos da crise de 2007-2008 do que os demais estados brasileiros (maiores detalhes adiante).

O objetivo do presente trabalho equivale a providenciar uma caracterização do comércio exterior do estado do Espírito Santo ao longo do período 1996-2010.² As vantagens de um empreendimento nesses moldes são basicamente duas: primeiro, existe atualmente um volume relativamente pequeno de produção acadêmica em Economia sobre o estado, o que faz com que este trabalho possa ser visto como uma contribuição no sentido de melhorar a compreensão da dinâmica local. Segundo, pelo fato de ser uma economia com alto grau de abertura e pauta de exportações concentrada em um número reduzido de produtos básicos e intermediários (*commodities*), os resultados aqui reportados podem ser úteis no sentido de gerar uma caracterização inicial dos efeitos de choques externos sobre uma pequena economia aberta. Em última instância, espera-se que, a partir deste esforço inicial, a pesquisa futura possa elaborar explicações mais abrangentes de alguns dos padrões empíricos aqui reportados.³

¹ Sobre os antecedentes da crise no setor imobiliário norte-americano, ver Roubini (2006) e Krugman (2006). Blanchard (2008), Brunnermeier (2009) e Diamond e Rajan (2009) equivalem a análises dos primeiros efeitos adversos da crise em termos macroeconômicos, com ênfase nos impactos sobre os Estados Unidos. Para análises aplicadas ao contexto brasileiro ver, a título de exemplo, Bresser-Pereira (2008), De Paula (2008), Levy (2009), Lopes (2009) e Ribeiro (2009).

² Para exemplos de outras análises do comércio exterior do Espírito Santo, ver Pereira e Maciel (2010) e Prates (2010). Desde já, fica a ressalva de que o presente trabalho deve ser visto como um esforço de pesquisa complementar em relação aos trabalhos citados.

³ Nesse sentido, os objetivos do trabalho são semelhantes às propostas contidas em Eaton, Kortum e Kramarz (2004) e Alessandria, Kaboski e Midrigan (2011), por exemplo.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: na segunda seção, é feita uma breve apresentação da base de dados empregada no trabalho, enquanto que a terceira seção contém uma descrição da estrutura econômica do estado, com ênfase em três características básicas: seu alto grau de abertura ao comércio exterior, sua pauta de exportações concentrada em *commodities* e sua alta volatilidade em relação à economia brasileira. A quarta seção do trabalho apresenta resultados relacionados ao comércio exterior estadual ao longo do período 1996-2010, com ênfase nas diferenças existentes entre exportações e importações estaduais em termos de distintas classificações dos bens transacionados. Finalmente, a quinta seção contém as principais conclusões do trabalho e fornece algumas sugestões de pesquisa futura sobre o tema.

2. BASE DE DADOS

Os dados utilizados neste trabalho equivalem a valores de exportações e importações referentes a produtos registrados para o estado do Espírito Santo ao longo do período compreendido entre os anos de 1996 e 2010. Basicamente, esse período amostral foi escolhido com base na disponibilidade de dados de comércio exterior comparáveis entre si e referentes ao estado do Espírito Santo, embora possam ocorrer diferenças nos períodos analisados abaixo. Quando necessário, essas diferenças de período amostral serão devidamente explicitadas na análise.

Em termos gerais, os dados utilizados correspondem a fluxos de exportação e importação do estado cobrindo aproximadamente 15 anos. Foram coletadas informações de produtos transacionados para cada ano da amostra ao menor nível de agregação disponível (oito dígitos), de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). A fonte primária desses dados equivale à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).⁴

⁴ As consultas às variáveis de interesse foram feitas a partir do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet, denominado *ALICE-Web* (<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>). Segundo informações disponíveis nesse sistema, a classificação NCM de mercadorias é regida pelas Regras Gerais para Interpretação do Sistema Harmonizado, sendo composta de oito dígitos, onde os seis primeiros são formados a partir do Sistema Harmonizado (capítulo, posição e subposição) e os dois últimos (item e subitem) são criados de acordo com a definição estabelecida entre países do Mercosul. Leitores interessados em obter a base de dados utilizada neste trabalho podem fazê-lo entrando em contato diretamente com os autores.

3. CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Conforme dito acima, o Espírito Santo pode ser caracterizado como um dos estados com maior grau de abertura do país. Distintos estudos destinados a mensurar o coeficiente de abertura do estado chegaram à mesma conclusão em relação a sua posição frente a outras UFs, embora possam haver diferenças em termos de magnitudes do coeficiente propriamente dito, provavelmente decorrentes de diferenças relacionadas a períodos de análise e/ou metodologia empregados. A Tabela 1 resume alguns dos estudos relacionados ao tema:

Tabela 1 - Estimativas de Grau de Abertura (G.A.) para o estado do Espírito Santo, de acordo com distintos estudos empíricos

Autores	Período Amostral	Frequência Temporal	Estimativa G.A.	Posição Ranking
Souza (2003)	1991/2000	Anual	60,80%	1º
Magalhães e Toscano (2009)	2004:01/2009:02	Trimestral	48,70%	n.c. ^a
Pereira e Maciel (2010)	2000/2006	Anual	50,30%	1º

Fontes: Souza (2003), Magalhães e Toscano (2009) e Pereira e Maciel (2010).

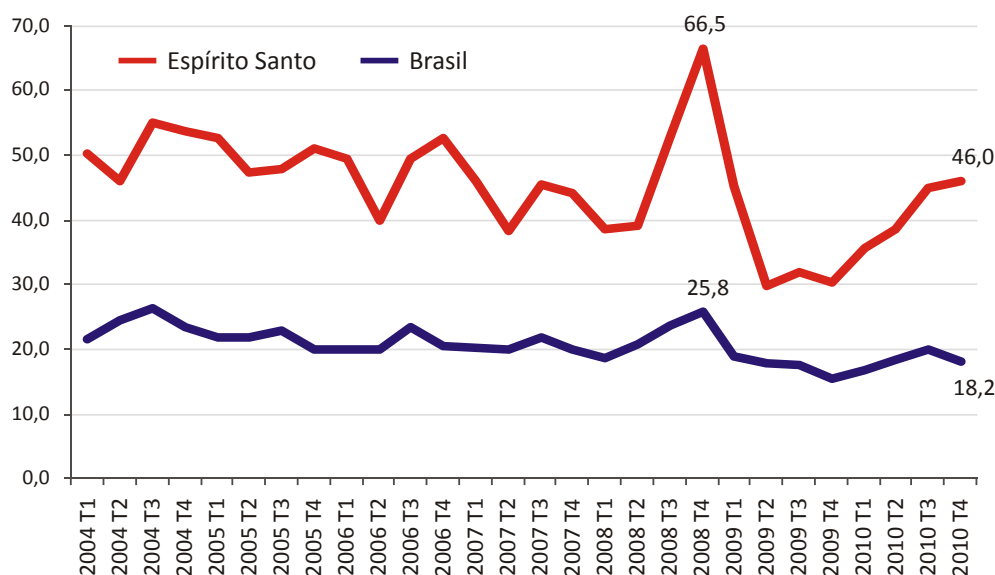
Nota:

(a) O termo "n.c." denota "nada consta". No caso do trabalho de Magalhães e Toscano (2009), os autores não elaboraram um *ranking* de coeficientes de abertura das UFs, uma vez que trabalham apenas com dados referentes ao estado do Espírito Santo e Brasil.

Magalhães e Toscano (2009) calcularam estimativas trimestrais do coeficiente de abertura do Espírito Santo, comparando essas estimativas com o caso brasileiro. O Gráfico 1 contém a evolução temporal dessas duas variáveis ao longo do período 2004:01/2010:04.⁵

⁵ No caso, essas estimativas foram calculadas a partir de um indicador antecedente de PIB trimestral referente ao estado do Espírito Santo, disponível originalmente até o segundo trimestre do ano de 2009 (Bonelli, Bastos e Abreu 2009) e atualizada pelos autores. Este procedimento foi adotado devido à ocorrência de uma defasagem de cerca de dois anos na divulgação de dados do PIB estadual pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgãos responsáveis por esse processo de divulgação.

**Gráfico 1 - Evolução do Grau de Abertura Comercial
Espírito Santo e Brasil (% do PIB)
2004:01/2009:02 (Dados Trimestrais)**



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados de Bonelli, Bastos e Abreu (2009) e da SECEX/MDIC.

Conforme é possível notar a partir da inspeção do gráfico, o estado do Espírito Santo exibiu, ao longo do período considerado, um grau de abertura nitidamente superior ao caso brasileiro. Em particular, é possível notar que o coeficiente de abertura estadual apresentou um aumento significativo ao longo do ano de 2008, atingindo o valor máximo de 66,5% no terceiro trimestre desse ano, sofrendo uma brusca contração no período subsequente, uma provável decorrência dos primeiros efeitos adversos da crise de 2007-2008 sobre o estado. Ainda assim, ao final do período amostral considerado (quarto trimestre de 2010), essa variável apresentou maiores valores no caso estadual (46%) do que no caso nacional (18,2%).

A Tabela 2 apresenta resultados relacionados aos principais produtos exportados pelo estado do Espírito Santo ao longo do período compreendido entre os anos de 1996 e 2010, com os valores exportados e as respectivas participações percentuais na pauta estadual de exportações estando dispostos na segunda e terceira colunas dessa tabela, respectivamente.⁶

⁶ Para uma análise mais detalhada do tema, ver Magalhães e Toscano (2011). No caso de análises da concentração da pauta de exportações no caso de outros países, ver Easterly e Reshef (2009), Easterly, Reshef e Schwenkenberg (2009) e di Giovanni, Levchenko e Rancière (2010).

Tabela 2 - Ranking dos Principais Produtos Exportados pelo Espírito Santo, 1996-2010

Mercadoria NCM	Valores	Participação
	(US\$ bilhões)	(%)
1. Minério de ferro aglomerado (<i>pellets</i>)	28,9	39,4
2. Outros produtos semimanufaturados de ferro/aço	12,2	16,7
3. Pasta química de madeira (celulose)	10,1	13,8
4. Café em grão	4,4	6
5. Outros granitos trabalhados (mármore e granito)	3,3	4,6
6. Produtos semimanufaturados de outras ligas de aço	1,8	2,5
7. Outros laminados de ferro/aço	1,1	1,5
8. Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	1	1,3
9. Outros tubos flexíveis de ferro ou aço	0,9	1,3
10. Óleos brutos de petróleo	0,9	1,2
11. Outros	8,7	11,8
Total	73,3	100

Fonte: Magalhães e Toscano (2011, Tabela 3, p.9).

De acordo com os resultados contidos na tabela, nota-se que o minério de ferro aparece como o principal produto exportado pelo estado, com uma participação de 39,4% na pauta. Em seguida, vem produtos manufaturados de ferro e aço, com uma participação inferior à metade do primeiro colocado no *ranking*, de apenas 16,7%. A celulose vem em terceiro lugar, com uma participação em torno de 14%. Em quarto lugar, vem o café em grão, com uma participação de 6%. Os demais produtos da pauta exportadora estadual aparecem com participações consideravelmente menores, entre 1% e 3%, basicamente.

Uma primeira análise da pauta de exportações do Espírito Santo permite constatar que o estado pode ser caracterizado principalmente como um exportador de bens básicos e intermediários. A Tabela 3 contém dados que corroboram essa afirmação, uma vez que apresenta as participações percentuais dos bens exportados e importados pelo estado ao longo do período compreendido entre os anos de 1997 e 2010, classificados por fator agregado.

Tabela 3 - Participações Percentuais de Bens (Classificação por Fator Agregado) nas Exportações e Importações do Estado do Espírito Santo, 1997 a 2010

	Participação (%)	
	Exportações	Importações
Básicos	50,3	11,8
Semimanufaturados	33,9	7,3
Manufaturados	14,1	80,9
Consumo de Bordo	1,7	--
Total	100	100

Fonte: Cálculos dos Autores, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Nota:

(a) O termo "Consumo de Bordo" serve para denotar o conjunto de bens transacionados entre residentes e não residentes a bordo de aeronaves, embarcações, etc.⁷

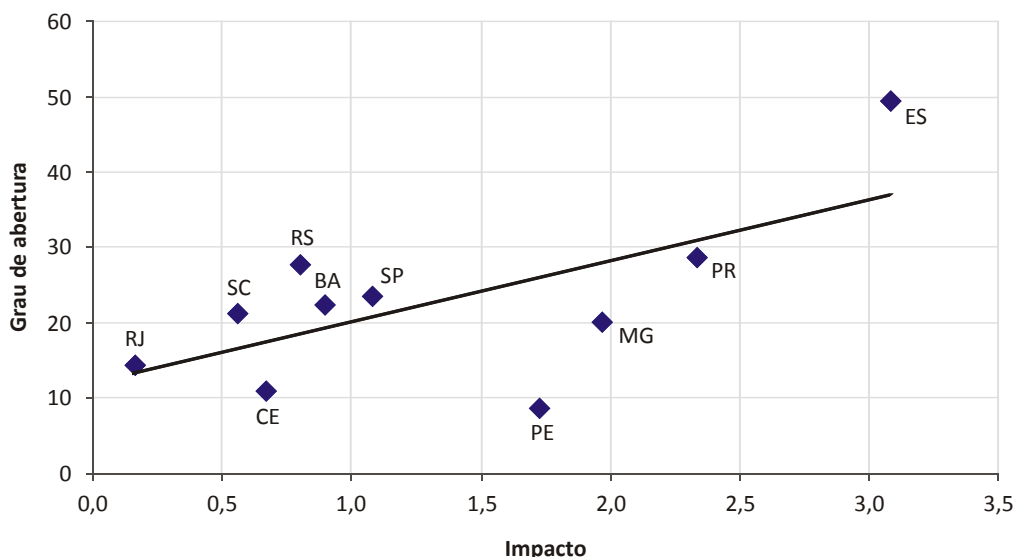
Os dados da tabela demonstram que, ao longo do período 1997-2010, cerca de metade das exportações do estado (50,3%) correspondeu a produtos básicos, enquanto que, no caso das importações, a maioria dos bens transacionados correspondeu a bens manufaturados (80,9%). À primeira vista, este resultado aponta para a ocorrência de nítidas diferenças entre bens importados e exportados pelo estado em termos de sofisticação tecnológica (maiores detalhes adiante).

Uma questão que poderia surgir no presente contexto é a seguinte: há alguma diferença em relação aos impactos de variações nos preços dos bens exportados por uma economia de acordo com seu grau de abertura ao exterior? O Gráfico 2 busca responder esta questão. Especificamente, esse gráfico equivale a um diagrama de dispersão relacionando os impactos de choques em preços de *commodities* e coeficientes de grau de abertura para distintos estados brasileiros.⁸ Adicionalmente, o gráfico expõe uma reta de regressão obtida através do Método de Mínimos Quadrados Ordinários (MMQO).

⁷ Para maiores detalhes a respeito dessa classificação, ver o *website* do Banco Central do Brasil (http://www.bcb.gov.br/ftp/infecon/BalPagSet_P.pdf).

⁸ No caso, os impactos de choques em preços de *commodities* foram mensurados como o primeiro valor reportado para funções impulso resposta obtidas a partir de uma especificação VAR envolvendo um índice de preços de *commodities* cotadas em mercados internacionais (índice CRB) e um índice de produção industrial (Indústria Geral) do IBGE, nos moldes propostos originalmente por Magalhães (2010). Por sua vez, os coeficientes de abertura estaduais reportados no gráfico equivalem às estimativas contidas em Pereira e Maciel (2010).

Gráfico 2 - Grau de Abertura x Impacto Inicial de Choques de Preços de Commodities sobre Nível de Atividade, Estados Brasileiros (Primeiras-Diferenças dos Logaritmos Naturais)



Fonte: Magalhães (2010, Gráfico 9, p.24).

Notas:

- (a) Impactos de choques em preços de *commodities* estimados a partir de uma especificação VAR envolvendo o índice CRB e o índice de produção industrial (Indústria Geral) de cada UF, obtido a partir da PIM-PF do IBGE. No caso, esses impactos equivalem ao primeiro valor reportado para funções impulso resposta obtidas a partir do VAR estimado.
 (b) Estimativas de grau de abertura das UFs extraídas de Pereira e Maciel (2010).

Os resultados descritos no gráfico demonstram, à primeira vista, a ocorrência de uma relação empírica positiva entre os impactos de choques nos preços de *commodities* e grau de abertura das economias estaduais. Ou seja, no caso das UFs analisadas, tem-se uma situação em que economias mais abertas ao comércio exterior são, em média, economias mais impactadas por variações nos preços de *commodities*.

Em especial, chama atenção o comportamento do estado do Espírito Santo, localizado a uma considerável distância da reta de regressão estimada e com valores relativamente altos para ambas as variáveis (impacto dos choques e grau de abertura), o que leva à constatação adicional de que o estado provavelmente sofre de maneira mais intensa os impactos de variações nos preços de *commodities*.⁹

Por conta de seu alto grau de abertura e por ter uma pauta de exportações concentrada na produção de um número relativamente pequeno de bens básicos e intermediários, o estado do Espírito Santo apresenta, em geral, um maior grau de volatilidade em suas flutuações econômicas em comparação ao Brasil e demais UFs. De fato, há evidências de que, ao longo da primeira década do século XXI, as

⁹ Sobre a evolução dos preços de *commodities* e seus impactos sobre a economia brasileira, ver Prates (2007) e Prates e Marçal (2008). Para uma análise relacionada ao contexto espírito-santense, ver Magalhães (2010).

flutuações cíclicas ocorridas no estado foram, em média, cerca de duas vezes mais voláteis do que aquelas ocorridas no país (Magalhães e Ribeiro 2009).

A próxima seção do trabalho apresenta resultados relacionados ao desempenho do comércio exterior do estado do Espírito Santo ao longo do período 1996-2010. Em particular, a análise desenvolvida nessa seção busca entender as principais especificidades do estado que fazem com que este sofra de maneira mais intensa os impactos de choques macroeconômicos externos.

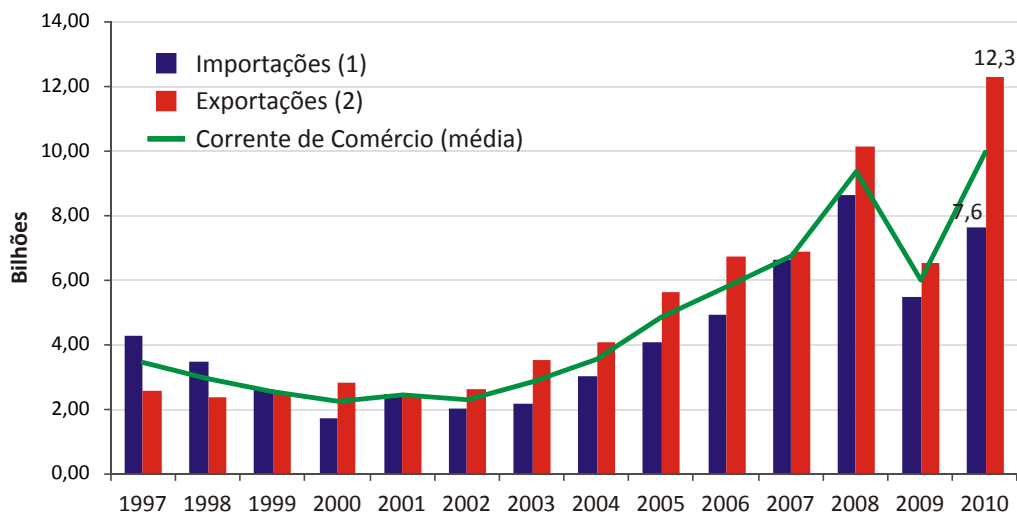
4. COMÉRCIO EXTERIOR DO ESPÍRITO SANTO

A apresentação dos resultados nesta seção encontra-se dividida em três partes: a primeira, na qual é feita uma descrição da evolução das exportações e importações ao longo do período analisado; a segunda, que trata de mudanças ocorridas no *ranking* dos principais parceiros comerciais do Espírito Santo e, finalmente, a terceira, onde é apresentada uma análise do conteúdo tecnológico das exportações e importações estaduais.

4.1. Exportações e Importações

O Gráfico 3 contém a evolução do fluxo de comércio exterior do estado do Espírito Santo ao longo do período compreendido entre os anos de 1997 e 2010. No caso, exportações são representadas por colunas vermelhas, ao passo que importações são representadas por colunas azuis. Por sua vez, a média da corrente de comércio (soma de exportações e importações) é representada a partir de uma linha verde. Todas as variáveis estão expressas em milhões de dólares.

**Gráfico 3 - Fluxo de Comércio Exterior do Espírito Santo (US\$ Milhões)
1997-2010 (Dados Anuais)**



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

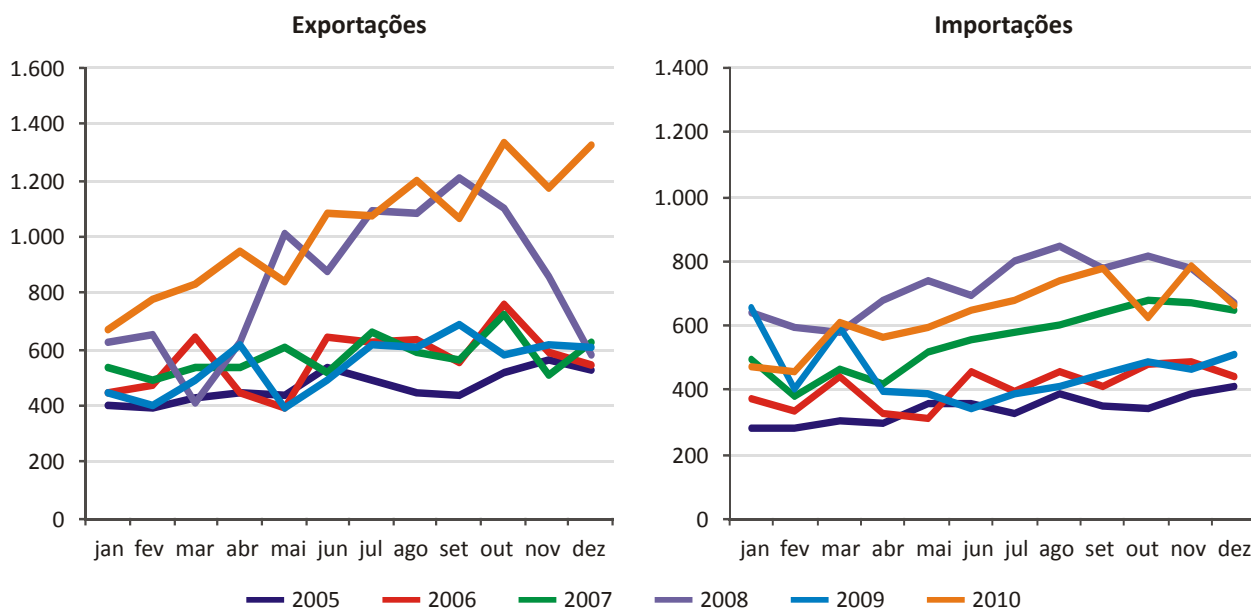
A partir da inspeção do gráfico, pode-se notar que, embora nos anos iniciais do período amostral (1997 a 1999), os valores importados sejam superiores aos valores exportados pelo estado, essa situação muda no ano de 2000, com as exportações passando a superar as importações a partir de então. Em princípio, uma provável explicação para essa mudança de padrão equivale à introdução do sistema de câmbio flutuante no país a partir do ano de 1999, embora ainda sejam necessários mais testes formais relacionados a essa hipótese.¹⁰

Interessante notar que, a partir do ano de 2002, tanto exportações quanto importações passam a manter um padrão ascendente, com o mesmo sendo válido no caso da corrente de comércio. Ocorre uma interrupção desse padrão em 2009, uma decorrência dos efeitos adversos da crise de 2007-2008. No caso desse ano específico, observa-se uma contração tanto de exportações quanto de importações, embora em níveis ainda superiores à maior parte dos anos em análise. Por outro lado, o ano de 2010 apresenta um expressivo aumento nos fluxos estaduais de comércio exterior, com destaque para as exportações, que chegaram a alcançar US\$ 12,3 milhões nesse ano.

A trajetória dos fluxos de comércio exterior do Espírito Santo pode ser melhor analisada a partir de sua evolução mensal ao longo de distintos anos. O Gráfico 4 apresenta os fluxos mensais de exportações (gráfico à esquerda) e importações (gráfico à direita) do estado ao longo do período 2005-2010. No caso, o principal objetivo deste gráfico equivale a verificar a evolução dos fluxos considerados ao longo de distintos períodos de tempo.

¹⁰ Desde já, fica a sugestão desse tema de pesquisa futura.

**Gráfico 4 - Exportações e Importações do Espírito Santo (US\$ Milhões)
2005-2010 (Dados Mensais)**



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

Os resultados contidos nos gráficos apontam para nítidas diferenças na evolução dos fluxos de comércio exterior estadual ao longo dos meses considerados, ao mesmo tempo em que reforçam padrões relacionados a anos específicos.¹¹

Analisando os fluxos de exportações estaduais, nota-se que tanto o ano de 2008 quanto o ano de 2010 destacam-se em termos de valores exportados. Especificamente, nota-se um padrão ascendente nos fluxos de exportações no ano de 2008, que chega ao ápice no mês de setembro, período de eclosão da crise financeira internacional no Brasil. A partir desse mês, observa-se um padrão de queda nos valores exportados, embora valha à pena notar que, ainda assim, o desempenho desse ano mostra-se superior em relação à ampla maioria dos anos expostos no gráfico. No caso dos meses do ano de 2010, também ocorre um padrão ascendente nos valores exportados, que se mantém durante todo o ano, sendo superior aos demais anos, no caso da maior parte dos meses considerados, um resultado que demonstra uma nítida recuperação das exportações estaduais no período, provavelmente relacionado a uma melhora nas condições econômicas dos países aos quais essas exportações são destinadas.

Ao se analisar os fluxos estaduais de importações, nota-se também um comportamento diferenciado ao longo dos anos de 2008 e 2010, embora as magnitudes sejam menores do que aquelas referentes aos fluxos de exportações. Uma importante diferença em relação ao caso anterior equivale ao fato de que as importações estaduais foram maiores no ano de 2008 do que no ano de 2010. Ao contrário dos

¹¹ Para uma análise mais detalhada de alguns dos padrões descritos nesta subseção, ver Toscano e Magalhães (2010).

resultados relacionados às exportações, esse último resultado provavelmente decorre da evolução do nível de atividade local que, embora tenha sentido o impacto da crise internacional, acabou evoluindo de maneira mais uniforme do que o nível de atividade dos principais destinos das exportações estaduais (maiores detalhes adiante).

Os padrões acima descritos são confirmados pelos valores reportados na Tabela 4, que expõe as estatísticas descritivas dos fluxos de exportação e importação do Espírito Santo no período 2005-2010:

Tabela 4 - Estatísticas Descritivas de Importações e Exportações do Estado do Espírito Santo (US\$ Milhões), 2005-2010 (Dados Anuais)

Exportações	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Média	466	560	572,7	841,6	542,5	1022,6
Desv. Padrão	55,9	106,9	68,6	257,1	96,2	214,6
Coef. Variação	12%	19%	12%	31%	18%	21%
Máximo	561,8	758,5	723,6	1205,8	682,4	1334,1
Mínimo	389,1	390	492,3	411,3	388,8	666,7
Importações	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Média	340,6	408	553,3	717,2	456,8	632,8
Desv. Padrão	43,2	61,4	99,1	87,4	91,3	105,4
Coef. Variação	13%	15%	18%	12%	20%	17%
Máximo	409,4	489,7	677,4	846,6	652,8	783,9
Mínimo	279,7	309,3	380	581,6	339,6	453,9

Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

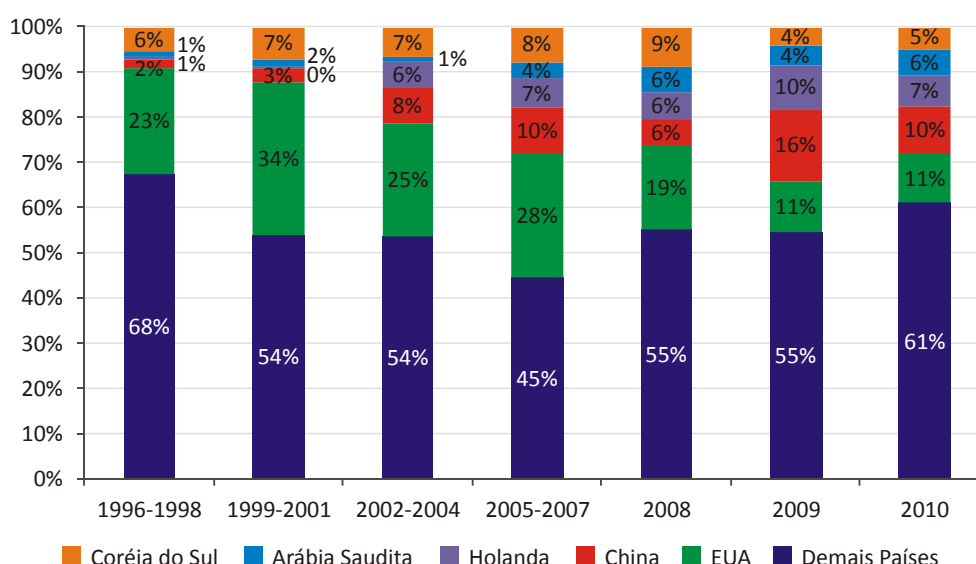
Os resultados contidos na tabela demonstram que os anos de 2008 e 2009 foram, de fato, anos atípicos em termos de comércio exterior para o estado. Por exemplo, em termos de valores médios, as exportações alcançaram aproximadamente US\$ 842 milhões em 2008, valores equivalentes a um aumento de +47% em relação ao ano anterior. Mesmo tendo sofrido uma queda de -36% no ano seguinte, os valores exportados atingiram o maior valor dentre os anos considerados, alcançando mais de US\$ 1 bilhão no ano de 2010. No caso das importações, o ano de 2008 registrou o maior valor médio do período, com um montante de US\$ 717,2 milhões. Embora o ano de 2010 tenha representado um padrão de recuperação em relação a 2009, os valores importados nesse ano (US\$ 632,8 milhões) não superaram aqueles referentes ao ano de 2008.

Adicionalmente, apesar das diferenças de magnitudes entre exportações e importações estaduais, é importante notar que as primeiras apresentam maior grau de volatilidade (medido pelo desvio-padrão) em relação às últimas. Esses resultados podem ser melhor visualizados a partir dos valores reportados para o coeficiente de variação (c.v.) na tabela. No caso das exportações, os maiores valores reportados para essa estatística equivalem aos anos de 2008 e 2010, que apresentam valores de 31% e 21%, respectivamente. Por outro lado, no caso das importações, os anos com maior variabilidade são 2007 e 2009, com valores de 18% e 20% para os respectivos c.v.

4.2. Destinos

Uma importante questão relacionada a fluxos de comércio exterior diz respeito aos destinos das exportações locais. Especificamente, a identificação dos principais parceiros comerciais de um estado pode revelar importantes informações acerca da dinâmica externa ao longo do tempo. Por conta disso, esta subseção do trabalho busca apresentar uma breve análise dos principais destinos das exportações do estado do Espírito Santo ao longo do período referente aos últimos 15 anos. O Gráfico 5 contém os principais resultados nesse âmbito, com cada gráfico apresentando as respectivas participações de distintos países na pauta de exportações estaduais durante o período 1996-2010.

Gráfico 5 - Destinos das Exportações do Espírito Santo, 1996-2010



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

Os resultados reportados no gráfico demonstram que, ao longo de um período de 15 anos, ocorreu um processo de recomposição no *ranking* de parceiros comerciais do estado. Em particular, embora os Estados Unidos e a China dividam a mesma parcela das exportações no ano de 2010 (em torno de 10% cada), houve mudanças nos anos anteriores.

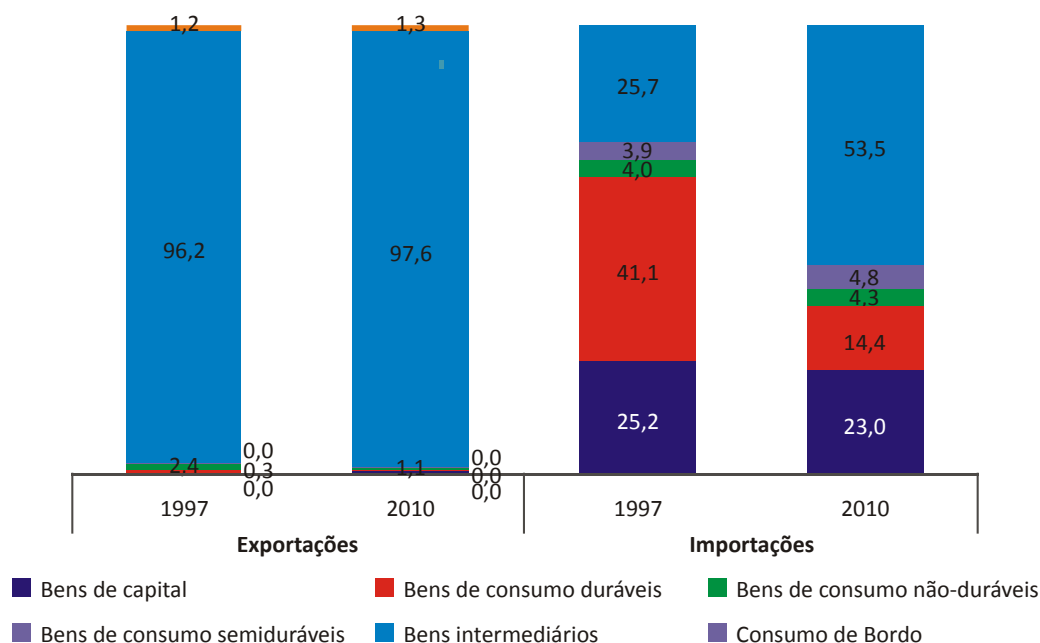
Enquanto os Estados Unidos ocuparam tradicionalmente o primeiro lugar no *ranking*, com participações entre 25% e 35% ao longo de triênios selecionados, a China apresentava participações consideravelmente menores, entre 2% e 3%. A partir do triênio 2002-2004, a China teve sua participação aumentada para 8%, chegando a ocupar o primeiro lugar do *ranking* no ano de 2009, quando ultrapassou os Estados Unidos, alcançando uma participação de 16%. Em última instância, esses movimentos refletem os impactos adversos inicialmente ocorridos na economia norte americana, ao mesmo tempo em que apontam para uma melhora de posição da economia chinesa.

Também é interessante notar um aumento de participação da Holanda que, em última instância, representa a importância do continente europeu para o estado, uma vez que a maior parte das mercadorias transacionadas pelos países desse continente passam pelo porto de Rotterdam. Entre os anos de 2008 e 2009, esse destino teve sua participação aumentada (de 6% para 10%) e, embora tenha ocorrido uma posterior redução nessa participação no ano de 2010, a Holanda ocupa atualmente a terceira colocação no *ranking* de destinos das exportações estaduais.

4.3. Composição

Uma análise interessante a ser executada no presente contexto equivale a comparar a composição das exportações e importações estaduais ao longo do tempo, buscando-se averiguar a ocorrência de eventuais diferenças. Por conta disso, o Gráfico 6 expõe a classificação das exportações e importações do Espírito Santo, segundo categorias de uso para os extremos da amostra (1997 e 2010). A intenção básica do gráfico equivale a verificar se, à primeira vista, ocorreram mudanças significativas no perfil do comércio exterior do estado.

Gráfico 6 - Perfil das Exportações e Importações do Espírito Santo, por Categorias de Uso Participação Percentual, Anos de 1997 e 2010



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

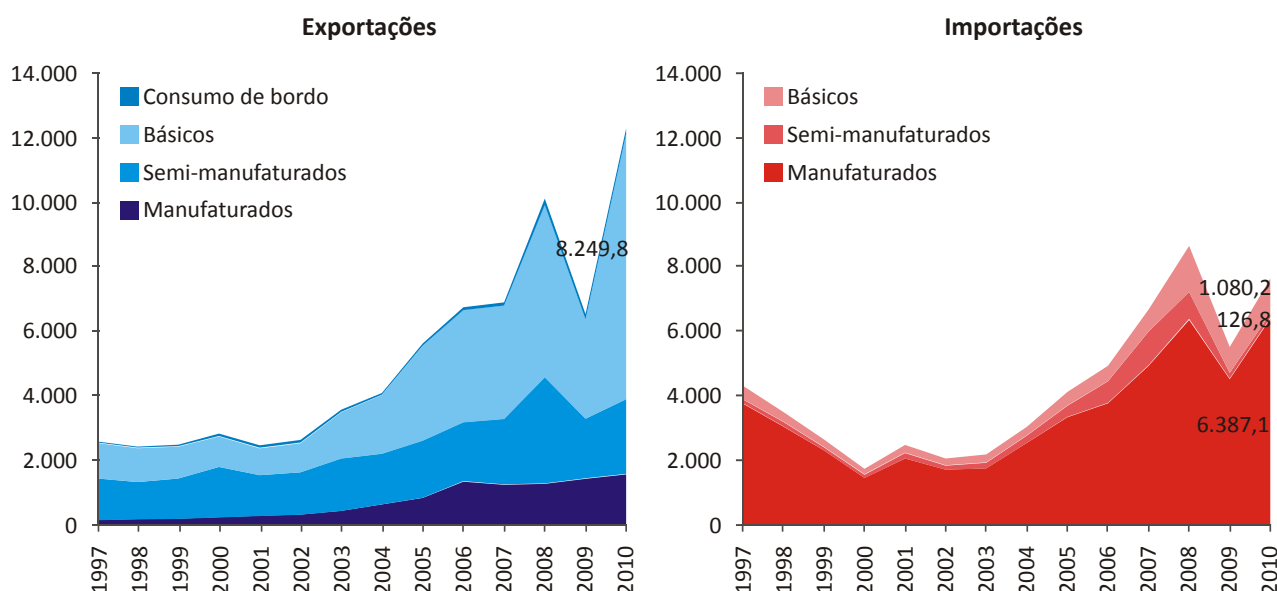
Os resultados referentes à classificação segundo categorias de uso demonstram que, embora tenham ocorrido mudanças na composição das importações estaduais, o mesmo não pode ser dito a respeito das exportações. Na comparação temporal, a ampla maioria das exportações estaduais (uma parcela superior a 95% do total) correspondeu a bens intermediários. Por outro lado, no caso

das importações, nota-se a ocorrência de um processo de recomposição ao longo de um período de aproximadamente 15 anos. Especificamente, a parcela correspondente a bens intermediários praticamente dobrou ao longo do período, passando de 25,7% em 1997 para 53,5%, em 2010. Uma decorrência desse resultado foi uma correspondente redução na participação de bens de consumo duráveis nas importações, que passou de 41,1% para 14,4%. Por outro lado, as demais categorias praticamente não sofreram alterações durante o período analisado, com bens de capital apresentando uma leve redução de 25,2% para 23%, apenas.

Esses resultados demonstram que as exportações estaduais ainda se encontram majoritariamente concentradas em bens com grau de sofisticação relativamente baixo, ao passo que as importações apresentaram alterações em sua composição, provavelmente decorrentes de uma mudança na estrutura de incentivos relacionados a investimentos na economia estadual. Um exemplo de um incentivo nesses moldes seria o processo de flexibilização do câmbio, ocorrido no país a partir do ano de 1999 e as subsequentes desvalorizações, que acabaram tornando relativamente baratas as importações de matérias-primas, máquinas e equipamentos pelas empresas locais.

As diferenças entre importações e exportações também aparecem no caso de classificações alternativas. O Gráfico 7 expõe a evolução das exportações e importações estaduais ao longo do período 1997-2010, com base na classificação segundo fator agregado das mesmas:

Gráfico 7 - Perfil das Exportações e Importações do Espírito Santo por Fator Agregado 1997-2010 (Dados Anuais)



Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

De acordo com a classificação empregada no gráfico, é possível constatar, em consonância com os resultados da Tabela 3 acima, a ocorrência de nítidas diferenças entre exportações e importações estaduais. Enquanto as exportações são compostas majoritariamente por bens básicos e semimanufaturados, as importações são compostas principalmente por bens manufaturados. Em última instância, esses resultados apontam para a existência de consideráveis diferenças entre exportações e importações do estado do Espírito Santo nos últimos anos.

Dados os resultados anteriores, relacionados a classificações alternativas (fator agregado e categorias de uso), foi possível observar diferenças entre as exportações e importações estaduais. Em particular, nota-se uma tendência geral onde as exportações concentraram-se em bens menos sofisticados do que as importações, de acordo com as classificações utilizadas. Por conta disso, optou-se pela realização de uma análise do conteúdo tecnológico das exportações e importações do Espírito Santo como forma de confirmar o diagnóstico inicial.

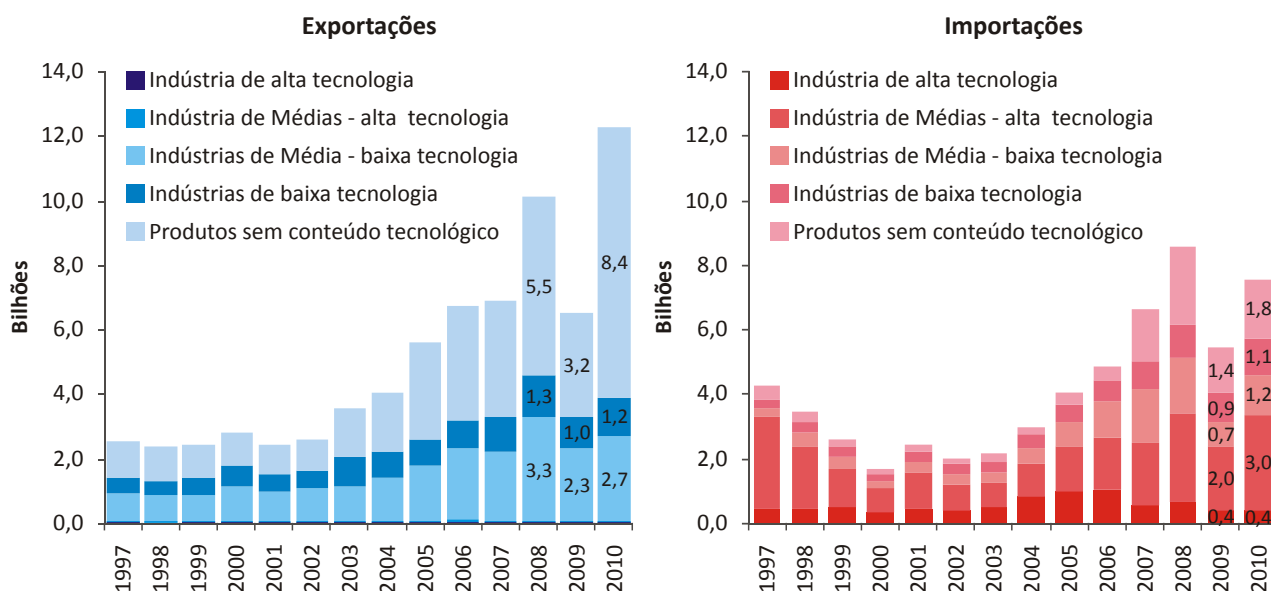
A classificação de setores industriais em categorias de intensidade tecnológica fornecida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) discrimina os produtos exportados por um país ou região em dois grandes grupos: produtos industrializados e produtos não-industrializados.¹² Dentre os primeiros, distinguem-se quatro classes de produtos em termos de intensidade tecnológica: “alta”, “média-alta”, “média-baixa” e “baixa”. Esta classificação é elaborada de acordo com o nível relativo de dispêndio dos setores em atividades de pesquisa e desenvolvimento tecnológico (P&D). No caso da classificação da OCDE, os produtos são relacionados à classificação internacional de setores econômicos denominada “Classificação Padrão Industrial Internacional de Atividades Econômicas” (ISIC-Rev.3).¹³

Por outro lado, é importante notar que as classificações de atividades econômicas elaboradas internacionalmente possuem significativas diferenças em relação ao caso nacional, no qual predomina a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). Devido a essas diferenças, fez-se necessária a utilização de um procedimento de compatibilização entre setores referentes aos contextos internacional e nacional. A adaptação da classificação internacional ao comércio exterior do Espírito Santo foi elaborada com base em tradutores disponibilizados pela Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), o que tornou possível relacionar as classificações dos setores de atividade econômica internacional (ISIC-Rev.3) e nacional (CNAE 2.0). Assim, foi possível relacionar a classificação baseada na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) à CNAE e, conseqüentemente, à classificação internacional de intensidade tecnológica. O Gráfico 8 contém os principais resultados relacionados ao conteúdo tecnológico das exportações e importações do estado do Espírito Santo ao longo do período em análise.¹⁴

¹² Para maiores informações a esse respeito, ver OCDE (2005).

¹³ Do inglês “*International Standard Industrial Classification of All Economic Activities, Rev.3*”.

¹⁴ Para uma análise semelhante, relacionada ao conteúdo tecnológico das exportações e importações do estado do Espírito Santo, ver Caçador e Grassi (2009b).

Gráfico 8 - Exportações e Importações do Espírito Santo segundo Conteúdo Tecnológico (US\$ bilhões), 1997-2010 (Dados Anuais)


Fonte: Cálculos dos Autores, com base em dados da SECEX/MDIC.

Analisando os dados de exportações do Espírito Santo, observa-se à primeira vista uma predominância de produtos não industrializados ou com baixo grau de industrialização, categoria que respondeu por 51,05% das exportações ao longo do período 1997-2010. Os outros produtos exportados pertencem, por ordem de importância, às categorias de média-baixa tecnologia (32,41%) e baixa tecnologia (15,71%). Outro importante ponto a ser mencionado é a quase inexistência de produtos exportados com média-alta e alta tecnologia, cuja participação na pauta de exportações não passa de 1%. Adicionalmente, nota-se um aumento na participação de produtos sem conteúdo tecnológico nas exportações estaduais, que passou de 3,2% no ano de 2009 para 8,4%, em 2010.

No caso do conteúdo tecnológico das importações estaduais, a situação é nitidamente distinta em relação às exportações, com as primeiras apresentando uma pauta melhor distribuída nesse quesito, com participações relativas de 39,10% para produtos de média-alta tecnologia e de 17,18% para produtos não industrializados, ao longo do período 1997-2010. Concomitantemente, a participação de produtos de média-alta tecnologia nas importações aumentou nesse período, chegando a 3% no ano de 2010. Por sua vez, produtos de alta tecnologia também sofreram uma redução em termos de participação nesse ano, ficando em 0,4%.

O ponto importante a ser destacado no presente contexto equivale ao fato de que existem consideráveis diferenças entre as exportações e importações estaduais em termos de conteúdo tecnológico, com essas diferenças podendo vir a comprometer o desempenho do setor externo do Espírito Santo no longo prazo. Por conta disso, passa a ser importante a formulação de políticas industriais voltadas para incrementar o grau de sofisticação da pauta local de exportações como forma de reduzir a fragilidade do estado. Esses pontos são discutidos em maiores detalhes na próxima seção do trabalho.

5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES DE PESQUISA FUTURA

O setor externo desempenha um importante papel na economia do estado do Espírito Santo. O objetivo do presente trabalho foi apresentar uma caracterização da estrutura econômica do comércio exterior do Espírito Santo ao longo do período 1996-2010 e de subperíodos selecionados.

Os principais resultados obtidos a partir deste esforço de pesquisa foram os seguintes:

(i) Estimativas de grau de abertura referentes à economia do estado apontam para valores entre 45% e 50%. Ou seja, aproximadamente metade da riqueza produzida no Espírito Santo é destinada ao comércio exterior.

(ii) A pauta estadual de exportações apresenta-se como extremamente concentrada, com um número relativamente reduzido de bens (cinco) respondendo por uma parcela superior a 80% dos valores exportados.

(iii) Na comparação com outras UFs, o estado parece sofrer de maneira mais intensa os impactos de variações nos preços de *commodities*, uma decorrência da própria estrutura produtiva vigente.

(iv) Em termos de evolução histórica, os anos de 2008 e 2010 destacam-se tanto em termos de valores exportados quanto importados, com os primeiros valores sendo nitidamente superiores em comparação aos últimos.

(v) Com a crise de 2007-2008, ocorreram mudanças nos parceiros comerciais do estado. Em particular, a China chegou a assumir a primeira posição no *ranking* de parceiros no ano de 2009, tendo sido superada pelos Estados Unidos em 2010, tradicionalmente o maior parceiro do estado.

(vi) Quando da análise da composição de exportações e importações envolvendo classificações alternativas, nota-se a ocorrência de nítidas diferenças. Em particular, o Espírito Santo tende a exportar bens de baixo conteúdo tecnológico e importar bens tecnologicamente sofisticados.

Em termos de pesquisa futura, ficam duas sugestões básicas. Primeiro, seria interessante a elaboração de modelos teóricos capazes de replicar alguns dos fatos empíricos aqui reportados. Especificamente, fica a sugestão de construção de modelos de equilíbrio geral computável adaptados ao contexto de uma pequena economia aberta (e.g., Mendoza 1991), com a subsequente calibração de um modelo nesses moldes à realidade estadual e a geração de simulações relacionadas a esse aparato. Por outro lado, a constatação de que a pauta de exportações local apresenta nítidos padrões de concentração em um número relativamente reduzido de bens chama atenção para a necessidade de construção e simulação de modelos teóricos de comércio internacional que levem em conta a ocorrência de heterogeneidades entre firmas exportadoras, com destaque para fatores como custos de entrada e dispersão tecnológica, por exemplo (Arkolakis e Muendler 2010).

Em segundo lugar, fica a sugestão de que a pesquisa futura concentre-se ainda em propor soluções para o modelo de desenvolvimento adotado pelo estado, que parece apresentar algumas restrições de longo prazo. Em particular, a concentração da pauta de exportações em produtos de baixo conteúdo tecnológico, acompanhada de um volume de importações de produtos relativamente mais sofisticados faz com que a economia do Espírito Santo apresente alguns pontos de fragilidade, que podem vir a comprometer seu crescimento futuro.¹⁵ Seria interessante a elaboração de um modelo de desenvolvimento que tendesse a agregar mais valor aos produtos locais e levasse em conta, ao mesmo tempo, os potenciais advindos das descobertas recentes na camada pré-sal, por exemplo.¹⁶

Nesse sentido, a possível constituição de um fundo de reserva associado aos *royalties* do petróleo, nos moldes sugeridos por Pessoa (2010) poderia representar uma importante fonte de receita estadual ao longo do período de exploração desse recurso natural. Entretanto, uma importante questão relacionada a essa proposta seria a destinação das reservas do fundo. A princípio, uma sugestão equivaleria a um aumento do investimento em capital humano no estado, principalmente no sentido de promover uma melhor qualificação da mão de obra local, gerando um menor descompasso entre a oferta de trabalho e a demanda por parte das empresas locais.

Relacionada à questão do capital humano, também ganha crescente importância o aumento nos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), um fator fundamental à sustentação do processo de crescimento de longo prazo. Especificamente, a partir de uma comparação com outras UFs, Caçador e Grassi (2009a,b) constatam que o estado do Espírito Santo ainda apresenta uma baixa performance relacionada a essa área. Os autores concluem que um aumento na taxa de investimento relacionado a indicadores de P&D pode vir a representar um importante esforço no sentido de reduzir a dependência do estado em relação à exportação de *commodities*.

Adicionalmente, faz-se necessária a promoção de políticas regionais voltadas para a redução de desigualdades existentes entre municípios e regiões específicas do estado, dados os altos padrões de concentração vigentes atualmente (Magalhães e Toscano 2010a,b). Uma possível sugestão seria, além de aumentar os investimentos em treinamento e formação de trabalhadores nos municípios, iniciar um processo de diversificação da base produtiva local, com cada município enfatizando áreas onde apresentasse vantagens comparativas reveladas, conforme destacado por Leite (2011), por exemplo. A princípio, uma estratégia nesses moldes poderia representar uma primeira tentativa de redução do alto grau de dependência do estado à exportação de *commodities* e, em última instância, uma forma de promover a redução de desigualdades intraestaduais.

¹⁵ Em um esforço de pesquisa independente do presente trabalho, Prates (2010) chega a uma conclusão similar.

¹⁶ Para análises relacionadas às potencialidades da indústria petrolífera no estado do Espírito Santo, ver Oliveira (2010) e Pires (2010). Por sua vez, a partir da utilização de um modelo de equilíbrio geral computável interregional, Haddad e Giuberti (2010) analisam os potenciais efeitos da descoberta da camada pré-sal no Espírito Santo, com ênfase em padrões de dependência externa e interna do estado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRIA, G.; KABOSKI, J.P.; MIDRIGAN, V. U.S. trade and inventory dynamics. *American Economic Review (Papers and Proceedings)*, v.101, n.2, May 2011, a sair.

ARKOLAKIS, C.; MUENDLER, M.A. The extensive margin of exporting goods: a firm-level analysis. *NBER Working Paper n. 16641*, Dec.2010, 52p.

BLANCHARD, O.J. The crisis: basic mechanisms, and appropriate policies. MIT, *Working Paper n.09-01*, Dec.2008.

BLUMENSCHNEIN, F. *Impacto da crise nas economias regionais*. FGV Projetos, manuscrito, Abr.2009.

BONELLI, R.; BASTOS, E.K.X.; ABREU, P.C.A. Metodologia e sistema de cálculo do indicador do Produto Interno Bruto (PIB) em bases trimestrais para o estado do Espírito Santo. *Texto para Discussão n.07*, IJSN, set.2009. 47p.

BRESSER-PEREIRA, L.C. Crise e recuperação da confiança. In: FERRARI FILHO, F.; DE PAULA, L.F. (Eds.). *Dossiê da crise*. Associação Keynesiana Brasileira, Nov.2008.

BRUNNERMEIER, M.K. Deciphering the liquidity and credit crunch of 2007-08. *Journal of Economic Perspectives*, v.23, n.1, p.77-100, Winter 2009.

CAÇADOR, S.B.; GRASSI, R.A. A evolução recente da economia do Espírito Santo: um estado desenvolvido ou periférico? In: *Anais do XXXVII Encontro Nacional de Economia*, Foz do Iguaçu, 2009, 19p. (2009a).

CAÇADOR, S.B.; GRASSI, R.A. Olhar crítico sobre o desempenho recente da economia capixaba: uma análise a partir da literatura de desenvolvimento regional e de indicadores de inovação. *Revista Econômica do Nordeste*, v.40, n.03, p.453-480, jul.-set.2009 (2009b).

DE PAULA, L.F. Preferência pela liquidez e a natureza da “crise” brasileira. In: FERRARI FILHO, F.; DE PAULA, L.F. (Eds.). *Dossiê da crise*. Associação Keynesiana Brasileira, Nov.2008.

DI GIOVANNI, J.; LEVCHENKO, A.A.; RANCIÈRE, R. *Power laws in firm size and openness to trade: measurement and implications*. University of Michigan, manuscrito, Mar.2010, 29p.

DIAMOND, D.W.; RAJAN, R. The credit crisis: conjectures about causes and remedies. *NBER working paper n. 14739*, Feb.2009, 15p.

- EATON, J.; KORTUM, S.; KRAMARZ, F. Dissecting trade: firms, industries, and export destinations. *American Economic Review (Papers and Proceedings)*, v.94, n.2, p.150-154, May 2004.
- EASTERLY, W.; RESHEF, A. *Big hits in manufacturing exports and development*. NYU, manuscrito, Oct.2009, 49p.
- EASTERLY, W.; RESHEF, A.; SCHWENKENBERG, J. *The power of exports*. NYU, manuscrito, Feb.2009, 50p.
- HADDAD, E.; GIUBERTI, A.C. *Economic impacts of pre-salt on a regional economy: the case of Espírito Santo, Brazil*. IPE/USP, manuscrito, Apr.2010, 27p.
- KRUGMAN, P. *No Bubble Trouble?* The New York Times, Jan.2, 2006.
- LEITE, L.M. Especialização setorial, vantagens comparativas e competitividade nos municípios do Espírito Santo. *Texto para Discussão n.31*, IJSN, Jun. 2011, 49p.
- LEVY, P.M. O Brasil e a crise financeira internacional. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*, n.97, p.6-11, Out.-Dez.2008.
- LOPES, F.L. A dimensão da crise. In: BACHA, E.L.; GOLDFAJN, I. (Orgs.). *Como reagir à crise? Políticas econômicas para o Brasil*. Rio de Janeiro, manuscrito, 2009, 4p.
- MAGALHÃES, M.A. Preços de *commodities* e nível de atividade no Espírito Santo: um estudo econométrico. *Texto para Discussão n. 13*, IJSN, Mai.2010, 37p.
- MAGALHÃES, M.A.; RIBEIRO, A.P.L. Ciclos de negócios no Espírito Santo. *Texto para Discussão n.09*, IJSN, Nov.2009, 38p.
- MAGALHÃES, M.A.; TOSCANO, V.N. Estimativas de grau de abertura para a economia do Espírito Santo. *Nota Técnica n.08*, IJSN, dez.2009, 19p.
- MAGALHÃES, M.A.; TOSCANO, V.N. Concentração de investimentos e interiorização do desenvolvimento no Espírito Santo. *Texto para Discussão n. 11*, IJSN, Fev.2010, 22p. (2010a)
- MAGALHÃES, M.A.; TOSCANO, V.N. Crescimento econômico e bem-estar nos municípios do Espírito Santo. *Texto para Discussão n. 15*, IJSN, Ago.2010, 45p. (2010b)
- MAGALHÃES, M.A.; TOSCANO, V.N. Concentração da pauta de exportações do Espírito Santo: uma análise empírica. *Nota Técnica n.23*, IJSN, Mai.2011, 26p.

MENDOZA, E.G. Real business cycles in a small open economy. *American Economic Review*, v.81, n.4, p.797-818, Sep.1991.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). *Ajustes na balança comercial 2009 colocam China como principal parceiro comercial do Brasil*. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 14/01/2010 (Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=5¬icia=9560>) (Acesso em: 30/05/2011).

OCDE. *Ciência, Tecnologia e Indústria na OCDE: Quadro 2005*. Sumário em Português. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/60/52/35467610.pdf>. (Acesso em: 30/05/2011).

OLIVEIRA, A. Petróleo e desenvolvimento: oportunidades e desafios para o Espírito Santo. In: VESCOVI, A.P.V.; BONELLI, R. (Orgs.). *Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social*. Vitória: IJSN, 2010, p.243-267.

PEREIRA, L.V.; MACIEL, D.S. O comércio exterior do estado do Espírito Santo. In: VESCOVI, A.P.V.; BONELLI, R. (Orgs.). *Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social*. Vitória: IJSN, 2010, p.95-137.

PESSOA, S. O uso da renda petrolífera pelo estado do Espírito Santo. In: VESCOVI, A.P.V.; BONELLI, R. (Orgs.). *Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social*. Vitória: IJSN, 2010, p.269-292.

PIRES, A. A indústria do petróleo e o caso do Espírito Santo. In: VESCOVI, A.P.V.; BONELLI, R. (Orgs.). *Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social*. Vitória: IJSN, 2010, p.219-242.

PRATES, A. M. Q. O setor exportador do Espírito Santo nos anos recentes: estrutura, vantagens comparativas e comércio intra-industrial. In: *I Encontro de Economia do Espírito Santo*. Vitória, 2010, 19p.

PRATES, D.M. A alta recente dos preços das *commodities*. *Revista de Economia Política*, v.27, n.3, p.323-344, 2007.

PRATES, D.M.; MARÇAL, E.F. O papel do ciclo de preços no desempenho recente das exportações brasileiras. *Análise Econômica*, v.49, p.163-191, mar.2008.

RIBEIRO, F.J. Uma breve avaliação dos primeiros impactos da crise internacional sobre os fluxos de comércio exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*, n.99, p.20-39, Abr.-Jun.2009.

ROUBINI, N. *Four investors' fairy tales... and five ugly realities about the coming severe U.S. recession*. RGE Monitor, manuscrito, Aug.2006 (disponível em: <http://www.rgemonitor.com>).

SOUZA, N.J. Abertura comercial e crescimento dos estados brasileiros, 1991/2000. *Teoria e Evidência Econômica*, v.11, n.21, p.41-61, nov.2003.

TOSCANO, V.N.; MAGALHÃES, M.A. *Boletim de Comércio Exterior do Espírito Santo*, vários números. IJSN, 2010.

TD - 34

Instituto Jones dos Santos Neves

Bibliotecária

Andreza Ferreira Tovar

Capa

Eugênio G. Herquenhoff
Lastênio João Scopel

Editoração

João Vitor André



www.ijsn.es.gov.br

SECRETARIA DE ECONOMIA
E PLANEJAMENTO



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**

CRESCER É COM A GENTE
www.es.gov.br